



Biografia resumida de AGRIPINO COELHO CAVALCANTE

* 11 de julho de 1906
+ 04 de setembro de 2000

Nasceu em Campo Redondo, Minas Gerais, em 11 de julho de 1906. Tinha doze irmãos. Trabalhou no roçado desde a infância, andando muito a cavalo e caçando nas matas existentes. E foi também a cavalo que, junto a seu cunhado, saiu de Minas, atravessou o estado de Goiás e chegou a Mato Grosso, onde tentou a sorte no garimpo em condições de vida bastante difíceis.

Em 1929, ingressou na recém-criada Guarda Civil de São Paulo.

Em 1932, com a eclosão da “Revolução Constitucionalista”, participou de atividades em praticamente todas as frentes de combate. Teve situações em que era obrigado a deitar sobre o tanque de sua motocicleta *Harley Davidson* para, em velocidade elevada, fugir das balas de metralhadoras que o visavam. Uma vez, em Caieiras, sabendo da aproximação de uma patrulha de 6 homens das tropas legalista e inimiga, conseguiu emboscá-la, fazendo todos os soldados prisioneiros, mesmo estando sozinho.

Nos anos de 1930, passou por diversos postos de trabalho na Polícia Rodoviária. Em 1943, após a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, soube do chamado que esperava 80 voluntários para compor a Polícia Militar da FEB e lutar contra o nazi-fascismo na Europa. Como a idade máxima dos voluntários era de 35 anos, fez uso de uma legislação da época para os que não tinham certidão de nascimento e decidiu declarar ter nascido em 1908, o que permitiu se juntar aos expedicionários. Em 29 de junho, embarcou no navio estadunidense *General Mann* em direção à Itália. Pela pouca experiência em mar, a viagem foi bastante difícil, além dos perigos oferecidos pelos submarinos alemães.

Em ações de combate, participou de policiamento de trânsito, de cidades ocupadas, fez escolta de prisioneiro de guerra e, com isso, presenciou inúmeros fatos e passou por vários perigos. Ele relata que quando os alemães atiravam, parecia que o céu ia desabar, era como se fosse chuva de bombas e morteiros que caíam por todos os lados.

Mas também houve momentos de encanto, como o aquele em que viu, em dezembro de 1944, pela primeira vez na vida, a neve. Após a tomada de Monte Castelo, comandando uma patrulha para monitorar o movimento dos alemães, foram avistados e sofreram um tiroteio intenso. Ao tentar escapar, teve que passar por terreno minado e teve seu capacete atingido violentamente por estilhaços de granada.

Em mais de uma oportunidade, teve que entrar em luta corporal com cidadãos italianos que queriam linchar prisioneiros alemães como forma de evitar atos que, em sua avaliação, eram covardes.

Participou de várias situações tensas e perigosas, como vigiar e acompanhar interrogatórios de inimigos reconhecidos como perigosos e escoltar grandes quantidades de prisioneiros por longos percursos a pé. Certa vez, ao avistar italianos sendo obrigados a trabalhos forçados por um soldado alemão armado com fuzil, efetuou o disparo que abateu o inimigo.

Em Alexandria, andando de motocicleta, atrás de alemães que fugiam, notou as pessoas festejando. Foi parado por moradores que o levaram para tomar vinho. Era o fim da guerra.

A chegada ao Brasil foi uma festa grandiosa. As tropas de FEB desfilaram em meio à multidão.

Em setembro de 1945, foi reintegrado a Guarda Civil de São Paulo Aposentou-se em 1953. Em 1970, passou a ocupar o cargo de Major da Reserva PM. Faleceu em 4 de setembro de 2000, aos 94 anos de idade.

Deixou quatro filhos e quatro netos. Todos se orgulham do pai e do avô que, ao receber o chamado da nação para lutar contra o fascismo, não apenas cumpriu com honra e mérito suas obrigações como, segundo dizia, faria tudo novo.

Texto de seu filho, Ayrton Carlos Coelho Cavalcante

